

Rev. Inst Hist Geogr São Paulo
LXXVII

CRÔNICAS SAUDOSAS COM COLORIDO DE MEMÓRIAS

*Navegação fluvial do Piracicaba — Dom Pedro II em
 Mineiros do Tietê — Antônio e Gabriel Piza — Ives Guyot
 e Campos Salles — O “funding” e os Rothschilds*

Flávio Toledo Piza

Usineiros de Jaú estudam o transporte de cana por via fluvial, esperando apreciável barateamento. A idéia, nascendo no Jaú, fez-me lembrar de passagens ouvidas na infância, quando, em casa de meus avós maternos, a família se punha, por vezes, a recordar o passado. Nessas horas de saudade era freqüente a referência ao rio Piracicaba e à navegação.

Meus avós mudaram-se, ali por 1890 ou 1892, de Piracicaba para o Banharão, nome que abrangia na época o triângulo de terras roxas cujos vértices eram Barra Bonita, Jaú e Mineiros, hoje Mineiros do Tietê. Na mesma ocasião, além de meu avô materno, Alfredo de Moraes Salles, foram para lá, formar cafezais, um tio-avô Alberto e um parente próximo, cujo primeiro nome não garanto ser José, mas cujos sobrenomes eram Pedroso de Moraes Salles. Além deles, sem se mudar para lá, também ali formou fazenda um outro Salles, não originário de Itu, mas de Campinas. Manuel Ferraz de Campos Salles, o que depois foi Presidente.

Abrindo um parêntese. Cheguei a conhecer a fazenda deste último já com o cafezal praguejado, fustigado pelo vento sul e podado a machado por administradores de luzes escassas. Durante os anos de sua eleição, de sua viagem à Europa e do exercício do cargo, a fazenda se escangalhou, empobrecendo duramente o proprietário.

forma de seu admirável talento. Testemunha de muitos fatos, em que se manifestavam as qualidades das raças silvícolas, espectador de outros em que se desenrolaram as cenas mais punjentes dos sofrimentos dos bugres, Marlière registrava-os nas colunas dos jornais. Nota-se em tais escritos o constante amor, o inextinguível carinho, o sentimento paternal com que o pacificador do gentio brasileiro cuidava dos donos infortunados desta grande terra, de que, aos poucos, foram sendo banidos nas batidas que lhes deram os escravagistas, como a animais ferozes e bravios, ou europeus que se diziam propugnadores dos benefícios da civilização.

O Coronel Guido Thomaz Marlière faleceu aos 5 dias do mês de junho de 1836, com 67 anos de idade e, conforme o seu último desejo, foi enterrado de acordo com o ritual indígena. Em 1928, em excavações procedidas na fazenda Guidoal, na Serra da Onça, distrito de Sapé, município de Ubá, encontraram-se os despojos do inolvidável desbravador das selvas, constantes do crânio e outros ossos, bem como de botões de sua farda militar, botões com as insígnias do Império, material que serviu para autenticar os despojos, assim como o lugar da grande gameleira onde havia sido sepultado, segundo reza a tradição.

Construiu-se naquele mesmo ano, por contribuição do governo mineiro, majestoso monumento onde se acham depositadas as cinzas de Marlière, cuja obra e exemplo permanecerão na lembrança do povo brasileiro como louros e palmas da gratidão nacional.

Tudo isso se relaciona com o rio, pois foi por ele que meus avós desceram de Piracicaba para a Barra Bonita, dali subindo a cavalo ou de trole em busca de terras mais altas, onde o café não tivesse medo de geadas. Naturalmente, a família só se mudou quando abertos os caminhos e erguidas as casas. A fazenda de meu avô tinha uma ponta em terreno bastante inclinado, junto à sede, o que lhe valeu o nome de “Viracambote”

Dessa época ficou na família uma lembrança. Minha mãe tinha então dois ou três anos e, durante a viagem no vapor, e depois na Barra, uma passageira lastimou que fossem lisos os cabelos da menina, cabelos com que essa companheira de viagem se encantava. E resolveu encrespá-los, empapando-os com caldo de laranja azeda várias vezes por dia e deixando-os secar. Meus avós, talvez por mera cortesia, deixaram que a nova amiga usasse o seu remédio inocente, embora nenhuma questão fizessem desse encrespamento. Mas o fato é que algum tempo depois os cabelos tratados começaram a nascer bastante ondulados, chegando vovó a dizer que podiam mesmo ser considerados crespos. Os pais da “paciente” não acreditaram no caldo de laranja, atribuindo a ondulação a um capricho não muito raro da natureza.

Foi num barco, em nosso rio, que minha mãe foi levada para Mineiros, onde três lustros depois se casava com meu pai, médico recém-chegado àquela cidade. Nunca fiz essa viagem pelo rio, mas, se não for absurda a sensação de saudade atávica, eu diria que é isso que sinto sempre que alguém, como Dargo Pinto Viégas ou os Irmãos Franceschi nos fazem entrever a volta da navegação, agora com novas técnicas e novas barcaças, carregando cargas e não famílias que se mudavam, há perto de noventa anos, em busca de terras novas no que não passava, na época, de sertão a ser desbravado.

LEMBRANÇAS DE PEDRO II

Não me podia esquecer de que D. Pedro II esteve em Mineiros, hoje Mineiros de Tietê. O impacto foi tão grande que a cidadezinha trocou de nome: virou Pedro II. Mas o Império estava no fim e pouco depois, com o estouro da República, voltou a chamar-se Mineiros a vila que nascera como Santa Cruz das Palmeiras. Essa é até hoje a padroeira. a Santa Cruz.

O Imperador hospedou-se na Fazenda Banharão, do velho Cardia, que, talvez por isso, recebeu o título de Barão de Avanhanda. Conheci a fazenda, nela estive muitas vezes com meu pai em suas viagens de médico e, ainda há pouco, numa de minhas visitas a Mineiros, fui rever a casa, com a sua escadaria protegida por um artístico corremão de ferro, com seu assoalho assentado para esperar a imperial visita, com as paredes guar-



*Cel. Marlière, o civilizador dos
índios Botocudos*

dando vestígios da pintura daquela época. Estive também num pequeno quarto, alguns metros fora da casa, onde a comitiva imperial tomou seus banhos. A banheira, segundo me informaram, foi levada para um museu de São Paulo, ao que parece o do Ipiranga.

Como os meus parentes Moraes Salles, os Cardias possuíam mais de uma fazenda. Além da Banharão, havia as Três Barras e o Barreirinho. Um desses Cardias casou-se com a irmã de meu avô, Isaura, que conheci já depois de viúva, residindo em Piracicaba.

Parece que nada disso se pode relacionar com o rio e a sua navegação. É engano. Depois da visita à cidadezinha, Dom Pedro II, num trole especialmente preparado para a ocasião, que um dos filhos do anfitrião mais tarde me informou ser uma "caleça", desceu até o porto do Araquá, onde tomou um vapor que o trouxe até o Porto João Alfredo, hoje Artemis. Dali veio com sua comitiva até Piracicaba, onde chegou, por sinal, num dia de Finados. Essa foi, de acordo com o livro magnífico de Leandro Guerrini, a segunda visita de Suas Majestades a Piracicaba.

Além da navegação fluvial, a lembrança dessa viagem nos acaba levando a imaginar o conforto daquele tempo. A casa da Fazenda Banharão era grande e acolhedora, mas o banheiro era num cômodo fora dela. Não tive possibilidade de reconstituir a instalação de água dentro desse cômodo, mas sei que esta era captada de um córrego em ponto mais elevado, vindo por declive, em canaleta de tijolos, até o lavador de café, no terreiro atijolado. A água era abundante e limpa. Do terreiro, uma bica trazia, como traz até agora, uma parte da água para o cômodo em que, há quase um século, a Família Imperial teve ocasião de tomar seus banhos. Água quente, ao que tudo indica, só com vasilhame aquecido com fogão de lenha.

Da estação de Mineiros até a fazenda, a estrada, de terra, caracterizava-se pela poeira das carroças que carregavam café, dos cavaleiros e das "aranhas", que hoje passaram a "charretes" por terem rodas de pneus e não de simples aro metálico. Da fazenda até o Araquá a estrada era pior, muito mais acidentada e, embora consertada para a passagem dos soberanos, não podia deixar de ter a mesma poeira vermelha de que me lembro muito bem, ou a mesma lama, lisa que nem sabão, que conheci nos dias de chuva.

Apesar de todo esse desconforto, se Dom Pedro II ressuscitasse hoje, com certeza haveria de preferir a dura viagem do Banharão até o Araquá à confortável peregrinação de um xá do Irã de noventa e tantos anos depois.

ANTÔNIO E GABRIEL PIZA

Mais de uma vez nestas crônicas saudosas, em que transparecem uns longínquos coloridos de memórias, tenho feito referência aos estudos de meu pai em Bruxelas, onde se doutorou em medicina. Parece-me, porém, de todo necessário explicar direitinho essa coisa que, à primeira vista, pode parecer granfinagem de rico, mas que não era, de jeito nenhum. Dois de meus tios-avós, irmãos de minha avó paterna, haviam antes estudado nos Estados Unidos. Tio Gabriel e Tio Antônio.

E não era luxo. Ao contrário, constituía enorme sacrifício para a família e para o estudante. Para os pais eram as despesas de viagem e de custeio dos estudos, para os jovens, devido à distância e aos transportes morosos, era uma espécie de exílio, como no caso de meu pai, que teve de ficar mais de oito anos sem vir ao Brasil e sem ver sua mãe e sua irmã.

Não havendo escola de medicina em São Paulo, Tio Gabriel foi para os Estados Unidos, pois no Rio de Janeiro a febre amarela grassava com tal intensidade que nenhuma família concordaria com a ida de um filho para lá. É verdade que a boa moeda brasileira ajudava muito, mas ao sacrifício dos pais para garantir a mesada juntava-se o do estudante lutando por um internato em hospital, garantindo cama e comida pelo menos. Nas outras carreiras, em que o internato era impossível, havia a luta para arranjar algum trabalho. E sem escolher muito.

Tio Antônio voltou engenheiro e Tio Gabriel médico e ambos tomados de todo pelo virus republicano, tanto que os dois figuram entre os convencionais de Itu. O primeiro foi depois diretor do Arquivo do Estado e profundo estudioso de nossa história. Tio Gabriel clinicou pouco tempo em Itatiba, metendo-se logo na campanha republicana. O Governo Provisório fez dele nosso representante em Berlim, para pleitear o reconhecimento da República pelo Império mais "império" do mundo. Cumprida a missão, foi deslocado para Paris, onde viveu como nosso Ministro Plenipotenciário cerca de vinte anos.

Quando meu pai quis estudar medicina, este Tio Gabriel se propôs sustentá-lo em Paris, pois não havia recursos, desde que meu avô falecera quando o filho ainda estava na primeira infância. Lá chegando, tio e sobrinho, concluíram que Bruxelas apresentava a grande vantagem de uma Faculdade com numerosos hospitais e possibilidade de internatos desde o começo do curso. O tio achava que isso melhoraria o preparo e a prática do estudante; o sobrinho concordava e compreendia também que o custeio ficaria mais barato. No fim da jornada, a dívida para com o tio seria menor. O que o estudante não podia adivinhar é que o protetor depois se negasse a receber, como se negou ante

dezenas — sim, dezenas — de parentes de poucos recursos aos quais dera um diploma de universidade.

Esse tio enriqueceu já muito moço, com os acasos das variações do café e de sua fazenda. Casou-se com uma moça requissima. Foi um casamento de amor muito profundo, encantadoramente feliz, a que só faltou a presença de filhos. E o casal, que via na cultura a maior fortuna que se pode oferecer a um jovem, passou a dar oportunidades para os parentes dele e dela. Um dia, quando ambos não mais existiam, meu pai e eu nos pusemos a contar os moços e moças cuja educação dependera, no todo ou em parte, do auxílio de Tio Gabriel e de Tia Clarinha. É claro que não sabíamos de todos, pois o casal sempre procurou agir na maior surdina. Além de as circunstâncias terem colocado depois meu pai na intimidade de vários casos, havia os indiscretos que, por um gesto de gratidão, não escondiam a origem dos recursos com que se mantiveram nos estudos. Assim mesmo, contamos cinquenta e duas pessoas, cinquenta e dois estudantes que chegaram ao fim de um curso em faculdade.

Todos começavam com o trato de pagar depois da formatura. Na hora do pagamento, era aquela cantiga. não recebiam um tostão. Dinheiro era para eles um meio ou recurso, espécie de ferramenta para fazer alguém mais feliz do que a vida se comprazia em fazer

GUYOT E CAMPOS SALLES

O segundo presidente civil da República dos Estados Unidos do Brasil foi uma figura muito discutida. De um lado, houve a sua “política dos governadores” que mereceu muitas críticas na época e entrou para a história como algo que houvesse arranhado a pureza imaculada da “república dos meus sonhos” de uma porção de gente. De outro lado, travou-se a luta contra a desvalorização da moeda, a recuperação econômica do País e a restauração do erário, a ponto de Rodrigues Alves poder mudar a fisionomia do Rio e liquidar a febre amarela, prestigiando Osvaldo Cruz. Essa vitória financeira é por vezes negada a Campos Salles e atribuída aos conhecimentos de economia do ministro da Fazenda, Joaquim Murinho. Aqui vai um depoimento, apenas um depoimento.

Logo depois de proclamada a República, como dissemos, Gabriel Piza foi nomeado Ministro Plenipotenciário em Paris, cargo que então equivaleria ao de Embaixador Amigo íntimo de Prudente de Moraes e Campos Salles, nunca se amorteceu a ligação entre os três, solidificada pelos acontecimentos e dada a importância de Paris e da França naquela época, tornando obrigatórios os contatos frequentes entre o diplomata e os dois presidentes.

Eleito, Campos Salles fez a sua viagem histórica, tendo passado por Paris antes e depois de se dirigir a Londres, onde se encontravam os banqueiros com que o Brasil negociava e com os quais o futuro presidente estabeleceu o muito falado "funding", ou seja, a consolidação de nossa dívida com novos títulos a novos prazos. Além do trabalho com os banqueiros, teve ele de atender ao programa protocolar de recepção de um presidente eleito de país com intensas relações diplomáticas, econômicas e comerciais. Ao fim de tudo isso, já devia estar fatigado. Voltou a Paris, onde, não sei se antes ou depois de Londres, também lhe coube cumprir todo o programa oficial. Mesmo que Tio Gabriel quisesse simplificar essa maratona, havia um limite de simplificação impossível de transpor sem quebra das praxes diplomáticas.

Até aqui, tudo previsível e nada de novo. A coisa começa agora, mostrando uma faceta pouco divulgada da personalidade do Presidente Campos Salles. Os quatro anos de seu governo ficaram na história como o período da recuperação econômica do País, em que teve papel muito importante seu Ministro da Fazenda, Joaquim Murinho, que aparece como o financista ou economista responsável por tudo, ou quase tudo. Não vai aqui a menor diminuição ao valor do companheiro de governo, mas o fato é que Campos Salles, inteligente, inteiramente devotado à missão, também sabia muito bem o que estava fazendo em matéria de Economia.

Em Paris, quando já livre dos "dias oficiais", o futuro presidente, em longas conversas com Tio Gabriel na Legação do Brasil, teve ocasião de expor suas opiniões e não menos suas dúvidas. E, a seu pedido, Tio Gabriel o aproximou de Yves Guyot, famoso economista de renome internacional, autor de "La Tyrannie Socialiste", de "La Science Economique", além de vários outros livros, entre os quais um "Estudo sobre as Doutrinas Sociais do Cristianismo"

E o que houve foi um "cursinho intensivo" de Economia Política, durante o qual Yves Guyot concentrou toda a sua atenção no aluno e nos problemas por este postos em discussão. De seu lado, Campos Salles entregou-se de corpo e alma a esse "vestibular" exaustivo, procurando habilitar-se cabalmente para o cargo que o esperava. Campos Salles, em livro, faz referências ao encontro com Yves Guyot, sem mencionar, contudo, nessa passagem, a intensidade dos estudos.

Pelo que ficou na memória da família, naturalmente através de Tio Gabriel, Campos Salles foi tido por Guyot como "aluno" brilhante, o que a ninguém pode espantar, sabido como sempre foi ter sido ele inteligente, lúcido, e estar profundamente apaixonado pelo tema, sem contar mais um fator a idéia escaldante, 10

que lhe era característica, da responsabilidade imensa que dentro em pouco teria de carregar sobre os ombros.

Sempre considerei uma obrigação tornar pública essa faceta do nosso grande Presidente, em que se podiam notar traços fortes de verdadeiro estadista, ou seja, do homem ou líder que enxerga não só a situação do dia em que vive, mas que chega a divisar, em suas linhas principais, os desdobramentos dos dias que está vivendo.

Além desse motivo, que eu diria de brasileiro, existe outro, mais chegado — digamos mais afetivo — para o presente depoimento, que faço, esclarecendo que estes episódios já foram relatados por meu Pai, há cerca de quinze anos, em reunião do Rotary Club de Piracicaba.

CAMPOS SALLES E O “FUNDING”

Depois de regressar de Londres e de terminar seus trabalhos na França, Campos Salles ansiava por uns dias de repouso e de anonimato, antes de empreender sua excursão à Alemanha, à Itália, ao Vaticano e a Portugal. Sugeriu-lhe Tio Gabriel uma “fuga” para a Bélgica, acrescentando que um sobrinho dele (meu pai, Epaminondas) se diplomara em Bruxelas e estava arrumando as malas para regressar ao Brasil. Esse moço, que andava mesmo visitando escolas, hospitais, museus e pinacotecas, antes de embarcar para o Brasil, podia ser um excelente cicerone para um presidente incógnito. Quem iria imaginar naquele estranho mais do que um simples turista, ou mesmo algum parente vindo de longe para assistir à formatura do rapaz?

Entre parênteses, é preciso lembrar que as comunicações eram então lentas e caras, não permitindo ao estudante férias no Brasil. Meu pai fez o repasse para o exame de admissão, fez todo o curso e mais o doutorado sem vir para o Brasil. um exílio de mais de oito anos.

Em certa manhã daquele longínquo 1898, estava meu pai em seu quarto de estudante, quando bateram à porta. Do alto da escada, ele mandou que abrissem e perguntou quem era. A visita se identificou lá de baixo:

— É o doutor Piza? Eu sou Manoel Ferraz de Campos Salles

Não podia deixar de ser um susto e dos grandes. o presidente eleito batendo à porta do estudante, sozinho, sem comitiva, como um simples patrício em viagem de turismo, como já acontecera algumas vezes com outras pessoas durante a permanência de meu pai em Bruxelas. Naquele dia, meu pai tinha um compromisso qualquer para o período da manhã. Depois disso, almoçaram juntos e passaram as “férias” de Campos Salles visi-

tando Bélgica e Holanda. Mesmo durante esse descanso, o presidente esteve em alguns hospitais e escolas, pois saúde e educação sempre interessavam o viajante. Naturalmente, houve alguns olhos muito arregalados quando o interesse pela casa visitada conduzia a perguntas que acabavam obrigando o turista a identificar-se.

Terminadas as "férias", verificaram o turista e o cicerone que ambos viajariam para o Brasil no mesmo navio. Meu pai, depois de despedir-se dos tios, embarcaria na França e Campos Salles em Portugal, depois da excursão há pouco referida. O presidente, ao deixar Bruxelas, avisou meu pai.

— Você vai comer todos os banquetes que me vão oferecer na viagem. Portugal, Pernambuco, Bahia, etc. Durante a viagem, você passa a valer como meu secretário pessoal.

Meu pai não comeu qualquer dos banquetes. Bastava o navio desatracar para ele ser tomado de enjões horríveis, que o mantinham derreado no camarote. O que ficou foi a amizade, nascida de convivência em terras estranhas. E houve ainda a coincidência de meu pai, indo morar em Mineiros, ter sido o médico da fazenda de Campos Salles, fazenda que na ausência prolongada do dono por anos esticados, começou a decair e a praguejar-se, com o cafezal podado a machado por administradores rotineiros.

Essa temporada na Bélgica e a viagem deixaram em meu pai profunda impressão de Campos Salles. inteligência, lucidez, senso prático e profunda noção de responsabilidade. Isso, ao lado de uma visão global dos problemas brasileiros e de uma humildade suficiente para levá-lo a estudar, a perguntar, a aprender

Não deixa de ser interessante a carta de 25 de janeiro de 1898, enviada por Tio Gabriel a Campos Salles, quando este ainda hesitava sobre a conveniência da viagem, em que havia o risco de ser o País desprestigiado por um insucesso, muito possível dada a situação do nosso crédito no Exterior.

"Aqui correu a notícia de que V viria à Europa e iria aos Estados Unidos logo depois da sua eleição, o que me pareceu excelente idéia. Vejo agora, por sua carta de 3 de janeiro que essa viagem lhe parece impossível, o que é lamentável, pois que, se viesse, veria por seus próprios olhos a nossa situação aqui, particularmente em matéria financeira, que nos interessa mais profundamente. Como muito bem diz na sua carta, a nossa questão principal é a restauração do nosso crédito abalado. Para isso a sua vinda à Europa seria de grande importância. Uma das causas de nossa fraqueza em matéria de crédito é a ausência de plano financeiro ou a ignorância em que está a Europa de qualquer plano por parte do nosso governo.

“O tópicos de seu manifesto relativo a finanças, no banquete de São Paulo, causou excelente impressão e foi transcrito por jornais e afixado na Bolsa e em Bancos.

“Se V viesse, poderia conversar longamente com os nossos agentes Rothschilds, que ficariam encantados de ouvir de viva voz, do chefe do Estado, o plano financeiro que deverá ser aplicado durante os quatro anos da futura administração do Brasil, cuja situação lhes inspira tantos cuidados”

Piracicaba, Maio-Junho de 1980.

O POETA VICENTE DA COSTA TAQUES

Roberto Machado Carvalho

Vicente da Costa Taques Góes e Aranha exerceu durante quase cinquenta anos (1780-1825), o cargo de capitão-mór da então vila de Itu, São Paulo, onde nasceu a 3 de fevereiro de 1749. Era filho do alferes João da Costa Aranha, natural de São João da Fós, bispado do Porto, Portugal e de Dna. Gertrudes de Araújo Cabral, natural de Itu. Em 1780, Vicente da Costa contraiu matrimônio com Dna. Alda Brandina de Cerqueira Mello; faleceu em Itu no dia 11 de setembro de 1825.

Sua participação foi decisiva nos fastos que marcaram a transição do período luso-brasileiro e a independência política. A vila ituana, através de sua atuante Câmara Municipal e bafejada pela expansão da lavoura canavieira, era respeitada como centro político, econômico, social e cultural da capitania e depois província de São Paulo. Tal importância deve ser creditada, em grande parte, à autoridade energética e, ao mesmo tempo, moderada e inteligente do capitão-mór Vicente da Costa. Foi-lhe atribuída a pecha de absolutista no pior sentido, o que não corresponde à verdade histórica. Era, isso sim, uma autoridade que não pactuava com provocações que perturbassem o sossego público e, muito menos, com desvios dos bons costumes. Sua ação durante o longo período que ocupou o cargo público foi pacificadora, atuando com energia nos momentos de agitação e, com compreensão e benevolência, quando a ordem pública estava restaurada. Era então, um zeloso administrador, atento às necessidades da população ituana. Providenciou o primeiro calçamento das ruas de Itu, mandou construir dois varadouros para canoas nas proximidades da antiga ponte do Salto, no rio Tietê; combateu o sistema de recrutamento — os capitães-mores utilizavam para perseguir os adversários — quando os adultos e jovens eram “caçados” para o engajamento nos serviços de tropas, o que provocava carência de mão de obra e livrou a vila da indesejável presença de vadios e desordeiros.